

ROCHA, João Cezar de Castro. *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* Chapecó: Argos, 2011.

Diego Gomes do Valle¹

Será que a época dos grandes debates, das grandes polêmicas intelectuais não se pode repetir nos nossos dias? Há saída para o marasmo e para a repetição que reinam em nosso meio? Polêmicas como as de Romero e Machado, Romero e Veríssimo, Haroldo e Cândido, Carpeaux e Bernanos, ou debates como o de Mário Ferreira dos Santos e Caio Prado Junior, são, deixando de lado as questões pessoais, oportunidades grandiosas para se conhecerem com profundidade posicionamentos antitéticos e que buscam sua superioridade. O livro que resenharemos a seguir, *Crítica literária: em busca do tempo perdido?*, de João Cezar de Castro Rocha, é um elogio à polêmica, uma apologia do confronto intelectual.

No ano de 1948, Afrânio Coutinho encabeçou uma famosa polêmica, a saber, defendeu a crítica acadêmica, a preparação técnica do crítico, em oposição ao dito impressionismo da chamada crítica de rodapé, que até então imperava no contexto brasileiro. O maior representante, e principal alvo de Coutinho, desta última era Álvaro Lins. O presente livro é, antes de qualquer coisa, uma recuperação histórica, uma reavaliação de todo o contexto que preparou e testemunhou esse embate; desvelando assim um panorama menos maniqueísta, mais complexo: “A célebre polêmica de 1948 não deve ser vista como o triunfo da cátedra sobre o rodapé, mas, no máximo, como uma primeira tentativa de criar novas bases para o programa de futuros cursos de Letras dedicados à criação de especialistas” (Rocha, 2011, p. 21). O autor diz isso após relatar que os cursos de Letras existentes naquele período não tinham a especificidade que se exigia para o ofício de crítico. Provas inequívocas são os testemunhos de nomes como Roberto Schwarz, Luiz Costa Lima, João Alexandre Barbosa, Haroldo de Campos e Antônio Cândido, que, por encontrarem uma proposta abrangente e generalista demais nos cursos de Letras, escolheram outras áreas para cursarem o ensino superior.

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná e doutorando em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil. diegouab@gmail.com

Interessante observar que o livro se divide em três principais objetivos, que são: 1) reavaliar a polêmica Coutinho-Lins sob um ponto de vista mais abrangente; 2) analisar o processo de institucionalização do curso de Letras no Brasil; 3) Por fim, o papel da crítica contemporânea, muito influenciada pelos dois objetivos anteriores. Sendo assim, mais do que uma recuperação histórica, João Cezar, tomando posições objetivas e claras, propõe soluções para o impasse crítico no qual estamos há tempos.

A propósito, em sua análise da polêmica - não de *uma* polêmica, mas da ação humana chamada polêmica -, o autor critica duramente as posturas de Flora Süssekind e Luiz Costa Lima, que õpartem de uma concepção predeterminada, vale dizer, normativa de literatura e de sistema intelectual, cujos pressupostos nunca são por eles questionados. Pelo contrário, são aceitos como naturalmente superiores às demais concepções (Rocha, 2011, p. 43). Ele diz isso porque tanto Luiz Costa Lima (1981, pp. 16-17) como Flora Süssekind (1985, p. 41) apontam aspectos unicamente negativos da polêmica, sem abordar o que há de produtivo e necessário para o desenvolvimento das ideias, que é o que João Cezar busca explicitar em grande parte do livro.

O autor reitera diversas vezes que não idealiza a polêmica, isto é, que não desconsidera o caráter bélico, inerente à polêmica (*pólemos*, em grego, significa õguerraö), e que tal enfrentamento nem sempre converge para um duelo de ideias, pois se sai do *argumentum ad res* (o confronto de ideias), para se chegar ao *argumentum ad hominem* (que é o ataque deliberado à pessoa do oponente). O exemplo mais clássico do *argumentum ad hominem*, na história brasileira, talvez seja a gagueira de Machado de Assis, tão mordazmente apontada por Sílvio Romero (o que não anula a importância positiva daquela polêmica)². A importância da polêmica, segundo o autor, reside no fato de que os polos opostos se estudam metodicamente, assimilam as posições opostas e, principalmente, formalizam suas posições com rigor, para que expressem enfaticamente sua superioridade.

O que vemos atualmente, segundo o autor, é õa polêmica propriamente dita não tem voz, pois não se trata de disputar a hegemonia intelectual, mas de acomodar-se ao discurso vitorioso da vez (Rocha, 2011, p. 65). Instaura-se assim o marasmo, para o qual a saída apontada é a revitalização da polêmica, compreender sua estrutura, colocá-la em ação. Este processo de revitalização se inicia por uma compreensão adequada das polêmicas que em

² Em palestra sobre o romance de Georges Bernanos, *Sob o sol de Satã*, João Cezar aponta que Sílvio Romero foi o maior leitor de Machado de Assis no calor da hora, pois, ao apontar os defeitos do Bruxo, sem saber estava apontando o que havia de mais inovador em Machado. Acesse a palestra neste link: http://www.erealizacoes.com.br/espaco/janelaVideo.php?video=Palestra_SobOSolDeSata_lancLivro&posicao=2

nossa história figuram, por uma observação de tais polêmicas para além dos argumentos *ad hominem*, entendendo as bases que sustentam cada posição.

Uma das teses deste livro é que a polêmica pode renovar as bases de um sistema intelectual, pois origina o que o autor chama de sistema interno de emulação:

a polêmica supõe a criação do que sugiro denominar sistema interno de emulação uma vez que confronta no interior de um mesmo registro discursivo, levando-os ao exame interessado dos textos do adversário. Vale dizer, a rivalidade de opções, sejam ideológicas, sejam estéticas, constitui um elemento dinâmico que favorece a estruturação sistêmica, seja do sistema intelectual, seja do sistema de artes, pois a necessidade de desautorizar a argumentação do adversário depende da exposição dos próprios pressupostos (Rocha, 2011, pp. 70-1).

Neste sistema, a figura do mediador é de suma importância. Romero, Veríssimo, Coutinho, Lins, Cândido, são todos mediadores culturais; suas posições não valem somente por si, mas pelo impacto que causam na massa leitora. É neste momento que outro elemento essencial entra nesta discussão: a imprensa. A história da evolução do gênero jornalístico influenciou grandemente os rumos da polêmica entre cátedra e rodapé ó num âmbito internacional inclusive. O autor mostra como Vico, em 1708, já se preocupava com as desvantagens da imprensa e com a importância do mediador, atuante nos jornais, entre os livros e o público. Trata-se da mesma preocupação de Afrânio Coutinho, que, após passar certo tempo nos Estados Unidos, retorna ao Brasil polemizando sobre a qualidade da mediação cultural aqui nos tristes trópicos. Coutinho (1953, p. V) pregava uma especialização do ofício, um trabalho científico mesmo, que somente a Academia poderia dar ao mediador.

A preocupação é louvável, mas a história nos mostra (pelos registros que João Cezar nos traz) que nem o rodapé era exatamente impressionista, isento de cientificidade, e muito menos a cátedra era um primor de cientificidade. Prova disso é que o currículo do curso de Letras não refletia, à época da polêmica (por volta dos anos 1950), as condições necessárias para a formação de um crítico nos moldes da tão esperada crítica acadêmica. Da mesma forma, os críticos de rodapé foram formados num período cultural de altíssimo repertório; a maioria deles (Álvaro Lins, Augusto Meyer, Otto Maria Carpeaux, Brito Broca, Sérgio Milliet e outros) representava - e ainda representa - um ponto alto de saber cultural de nossa história.

Por outro lado, a formação das primeiras gerações dos cursos de Letras estava muito distante do rigor do método e do conceito moderno de teoria da literatura (Rocha, 2001, p. 208). Ou seja, a reivindicação de Coutinho só poderia se efetivar muito mais tarde, por meio de uma complexa relação com um certo movimento literário: o Modernismo. Movimento este

que, movido pelo espírito vanguardista, proporcionou experimentações literárias que buscavam destronar (para usar um adjetivo leve) nosso passado literário. Ao passo que ãem alguma medida, a Teoria da Literatura tornou-se a disciplina cujo horizonte abarcou o estudo dessas experimentações, criando condições para transformar tensão em produtividade (Rocha, 2011, p. 315). Sendo assim, após um percurso nada linear e positivo, cátedra e modernismo se inter-relacionam em suas respectivas vitórias, as quais foram influenciadas, em parte, pelas mudanças da linguagem jornalística ocorrida no pós-Segunda Guerra (determinantes na derrocada do rodapé).

O autor finaliza seu périplo sugerindo um tipo de crítico mediador adequado ao panorama atual de nossa cultura: seria o ãcrítico esquizofrênico. A esquizofrenia se deve ao duplo papel de tal crítico, a saber, de saber manejar e conviver com os meios acadêmicos, e ser competente para falar com o grande público. João Cezar esclarece, com alguma satisfação, que a ideia não é nova, tanto que cita dois exemplos de críticos que fizeram com maestria o que ele sugere: Mário Faustino e Antônio Cândido. Ambos, cada um com suas peculiaridades, implodiram esta fronteira entre academia e jornal, por meio da estratégia de ãinformar e, ao mesmo tempo, formar. Ou seja, aprender a dirigir-se simultaneamente a mais de um tipo de público (Rocha, 2011, p. 376).

Sendo assim, João Cezar de Castro Rocha consegue, por meio de uma erudição muito sólida, passar pela história das polêmicas e sair dela com um diagnóstico atual e com uma proposta coerente para sanar o problema do marasmo crítico atual. É bem verdade que, pela complexidade dos temas levantados nesta obra, terminamos o livro com a sensação de que cada assunto poderia ter rendido um livro à parte, uma abordagem isolada. Creio que Bernard Lonergan, em seu monumental *Insight: um estudo do conhecimento humano*, dá o tom de como devemos compreender esta sensação que me acometeu: ãPosso apenas oferecer o contributo de um só homem e, em seguida, esperar que outros, sensíveis aos mesmos problemas, reconheçam que os meus esforços abreviam o seu próprio trabalho e que as minhas conclusões fornecem uma base para ulteriores desenvolvimentos (Lonergan, 2010, p. 38).

Desta maneira, devemos enxergar na limitação do desenvolvimento esperado um sinal para que continuemos este périplo, que apenas começou a ser trilhado.

COUTINHO, Afrânio. *Correntes cruzadas: questões de literatura*. Rio de Janeiro: A noite, 1953.

LIMA, Luiz Costa. Da existência precária: o sistema intelectual no Brasil. In: _____. *Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

LONERGAN, Bernard. *Insight: um estudo do conhecimento humano*. Trad: Mendo Castro Henriques e Artur Morão. São Paulo: É Realizações, 2010.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* Chapecó: Argos, 2011.

SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Recebido em 17 de janeiro de 2013.

Aceito em 15 de maio de 2013.